

## PRÁTICAS DE ENSINO PARA ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Laiara Lima de Carvalho<sup>1</sup>  
Walber Christiano Lima da Costa<sup>2</sup>

### RESUMO

Este presente artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Laiara Lima de Carvalho, orientado pelo autor Walber Christiano Lima da Costa e tem por objetivo apresentar práticas de ensino que podem auxiliar na escolarização de estudantes com TEA na rede de educação básica. O TEA é uma temática que tem sido muito discutida nos meios científicos, dada sua grande ocorrência nas escolas quanto também devido a novas pesquisas no campo da área médica. Apresentamos neste estudo ainda a importância do professor que busca conhecer as especificidades do estudante com autismo, para que através do conhecimento que ele tem do mesmo possa buscar as melhores formas de promover a inclusão dele com os demais colegas em sala de aula. Para esse recorte teórico, apresentamos discussões de Barberini (2016); Nunes, Azevedo e Schmidt (2013) e Martins (2007), entre outros referenciais teóricos. Em nossa abordagem qualitativa, verificamos que esses autores aqui citados trouxeram uma relevante contribuição para esse assunto e foram de importância considerável para a produção deste presente artigo. Através do estudo desses materiais expostos foi possível perceber o quanto o Brasil ainda carece de uma evolução no que se refere a educação de crianças com TEA, de uma formação de professores que seja significativa para que possa contribuir com o desenvolvimento desses estudantes e não somente uma formação mas também todo o recurso que se torna imprescindível no processo de escolarização do estudante.

**Palavras-chave:** Autismo, Práticas pedagógicas, Inclusão escolar.

### INTRODUÇÃO

O autismo se caracteriza como um transtorno global do desenvolvimento (TGD) e afeta grave e globalmente três características principais do ser humano, que são: a interação social, comunicação e o comportamento. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode ser diagnosticado antes mesmo dos três anos de idade, sendo detectado através da observação do comportamento da criança.

O presente trabalho pretende tratar acerca da educação dos estudantes com TEA, a importância de um acompanhamento pedagógico especializado na deficiência que o estudante possui, buscando explicitar acerca do ensino adequado para esses estudantes, levando em consideração a característica de cada um com autismo e a forma como os estudantes podem se

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA.  
E-mail: [laiara.l@unifesspa.edu.br](mailto:laiara.l@unifesspa.edu.br).

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutor em Educação em Ciências e Matemáticas (UFPA). Professor da Faculdade de Ciências da Educação (FACED-ICH-UNIFESSPA). E-mail: [walberchristiano@gmail.com](mailto:walberchristiano@gmail.com).

desenvolver quando ocorre um acompanhamento precoce e significativo, procurando entender acerca da importância da estimulação e de boas práticas pedagógicas.

Pretende-se com este trabalho comprovar a importância da escola para o estudante com autismo, a importância de acompanhamento escolar e a forma como podem auxiliar no processo de crescimento físico e cognitivo de estudantes com autismo através de uma escola inclusiva que busque metodologias específicas para o estudante com TEA.

As crianças diagnosticadas com autismo passam por uma série de desafios ao longo da vida sendo o principal deles a falta de interação social com as pessoas a sua volta, na escola isso não é diferente e o professor se vê diante de um dilema, uma vez que não possui toda a formação adequada e não sabe como lidar com o estudante autista. Pensando nisto, este documento traz os principais debates acerca deste tema, procurando expor as formas corretas de tratar em sala de aula o estudante com autismo.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL,1996):

Será assegurado aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns.

Portanto, ressalta-se mais uma vez a importância de um educador com formação necessária para atuar em conjunto com a escola e os pais em prol da criança com autismo.

Os objetivos do TCC estão ligados aos estudantes com TEA, os docentes e as escolas. Assim, delimitou-se o seguinte objetivo: Apresentar reflexões acerca das práticas pedagógicas que ajudam no desenvolvimento do estudante com TEA.

O decreto nº 6.571 de 17 de setembro de 2008, dispõe acerca do Atendimento Escolar Especializado, o público alvo deste atendimento são os estudantes que possuem deficiência, entre eles os que possuem autismo, este atendimento vem para suplementar/complementar o ensino regular e acontece no contra turno do estudante, não substitui a classe comum. A resolução nº 4/2009 traz as atribuições do Professor do AEE (Atendimento Escolar Especializado), que são:

- I – identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias considerando as necessidades específicas dos alunos público-alvo da Educação Especial;
- II – elaborar e executar plano de Atendimento Educacional Especializado, avaliando a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade;
- III – organizar o tipo e o número de atendimentos aos alunos na sala de recursos multifuncionais;

IV – acompanhar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade na sala de aula comum do ensino regular, bem como em outros ambientes da escola;

V – estabelecer parcerias com as áreas intersetoriais na elaboração de estratégias e na disponibilização de recursos de acessibilidade;

VI – orientar professores e famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelo aluno;

VII – ensinar e usar a tecnologia assistiva de forma a ampliar habilidades funcionais dos alunos, promovendo autonomia e participação;

VIII – estabelecer articulação com os professores da sala de aula comum, visando à disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares.

Então, o AEE tem por objetivo auxiliar o estudante com deficiência em seu desenvolvimento através da disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que auxiliem o estudante em seu convívio em sociedade e deve trabalhar em concordância com o professor o ensino regular.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa de natureza qualitativa tem por objetivo estudar as formas como o estudante autista se desenvolve dentro da escola pública levando em conta sua deficiência e a forma como os docentes da escola procuram auxiliar e encontrar metodologias de ensino para esse estudante.

Para esta pesquisa escolheu-se o método de pesquisa intitulado por pesquisa bibliográfica, que segundo Severino (2013, p. 106):

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Este estudo buscou entender a forma como o estudante com autismo tem sido recebido nas escolas públicas e se há um acompanhamento de professores adequados para o educando. Através desses dados foi possível fazer um levantamento em relação à importância de um professor que sabe identificar as características de seu estudante, a forma como pode contribuir significativamente no crescimento cognitivo dele e de acompanhamento escolar especializado para aquele estudante.

Esta pesquisa foi de natureza exploratória para que além de levantar e registrar informações do fenômeno estudado também possa buscar encontrar causas de determinados resultados encontrados na pesquisa.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) começou a ser investigado em 1943, porém, ainda não possuía o título de autismo, que só veio a ser tratado dessa forma vários anos mais tarde. O primeiro pesquisador que investigou o autismo foi *Leo Kanner*, ele percebeu características peculiares em algumas crianças e isso o instigou para buscar entender tal fenômeno, contudo, o pontapé inicial para sua pesquisa foi receber a carta de um pai apresentando seu filho que possuía muitas diferenças comportamentais em relação as outras crianças, a partir de então ele passou a pesquisar as informações que se tinha naquela época acerca do autismo.

Kanner passou a investigar possíveis causas e curas para o autismo, passou a testar diversas possibilidades em relação as causas desse transtorno, uma delas que se fortaleceu por alguns anos foi a de que as crianças desenvolviam autismo devido ao comportamento de seus pais, as crianças com autismo tinham o hábito de se isolarem do mundo, não socializarem com adultos e com as demais crianças, Kanner acabou deduzindo que o comportamento dessas crianças era influenciado pela forma como seus pais agiam, denominaram esses pais como “pais geladeiras”, que não estabeleciam uma relação próxima com seus filhos e que isso afetava na forma como eles se aproximavam das pessoas em geral, tornando-se crianças isoladas e que não estabeleciam uma relação próxima com as pessoas ao seu redor. Grandin (2015, p.15) trata sobre isso:

Contudo, em artigo posterior de 1949, Kanner mudou a atenção do biológico para o psicológico. O artigo tinha dez páginas e meia; Kanner gastou cinco páginas e meia tratando do comportamento dos pais. Onze anos depois em entrevista à *Time*, ele afirmou que as crianças autistas em geral eram frutos de pais “que se descongelaram apenas o suficiente para gerar um filho”

Porém, com o passar do tempo Kanner percebeu que estava equivocado em relação a isso, não é o comportamento dos pais que afetava a forma como a criança se comportava, o que tirou o peso da culpa dos pais e principalmente as mães na época, ele entendeu que na verdade as crianças desenvolviam tais características por si mesmas. Temple Grandin (2015, p.16) em

seu livro *O cérebro autista*, reforça a tese de que os pais não influenciam esse comportamento dos autistas:

A criança não se comportava de modo psicologicamente isolado ou fisicamente destrutivo porque os pais eram emocionalmente distantes. Em vez disso, os pais é que eram emocionalmente distantes porque a criança se comportava de um modo psicologicamente isolado ou fisicamente destrutivo. Minha mãe é um desses casos. Ela escreveu que, quando eu não retribuía seus abraços, ela pensava: *Se a Temple não me quer, mantereí distância*. Porém o problema não era que eu não a quisesse. Era que a sobrecarga sensorial de um abraço fazia meu sistema nervoso pifar.

Esse pensamento de *Kanner* acabou ganhando força de *Bruno Bettelheim* que se passou boa parte de sua vida pulicando obras em que reafirmava a teoria de *Kanner* das *mães geladeiras*. Mais tarde, essa teoria acabou sendo criticada por diversos estudiosos da época, como Richard Pollack e Clara Park, mas o primeiro a ganhar uma notoriedade foi *Bernard Rimland*, que percebeu que seu filho possuía muitas características de Autismo e com seus estudos nas literaturas científicas percebeu que muitas pesquisas poderiam estar equivocadas em relação a teoria das mães geladeiras.

*Rimland* em seu livro: *“Infantile autismo”*, publicado em 1964, nega toda a teoria levantada por *Bettelheim* e *Kanner*, este livro teve seu prefácio escrito por *Kanner* e desta forma ganhou ainda mais notoriedade a época, *Kanner*, em 1969, vem a público se desculpar com as mães afetadas por sua teoria.

Então, segundo o que foi explicitado até aqui entende-se que o autista devido a suas características possui grandes dificuldades em seu desenvolvimento cognitivo, motor e a interação social, por isso recomenda-se a atenção a criança para que seja possível fazer um diagnóstico precoce e assim melhore as chances de um maior desenvolvimento da criança. Visto que, o autista na escola passa a ser instigado a conviver com seus colegas e deve receber um acompanhamento adequado por parte dos professores e da escola.

Segundo Tomazeli e Barbosa (2022 p.3), O ambiente escolar é o caminho inicial para a inclusão da criança autista. Partindo da integração na educação infantil, momento este que o estudante dará seus primeiros passos no desenvolvimento intelectual e afetivo socialmente, inserido em uma nova realidade, disposta por docentes, colegas, equipe escolar e multidisciplinar.

Entendemos a importância que a escola tem na vida do estudante em geral, mas principalmente para o estudante com autismo, uma vez que na escola ele iniciará sua jornada para o desenvolvimento e quanto antes for iniciada uma intervenção pedagógica mais cedo ele

tem a possibilidade de viver adequadamente sem uma grande influência das características do autismo.

Para Tomazeli e Barbosa (2022, p.3), cabe ao professor utilizar de metodologias pedagógicas adequadas para cada caso, bem como um olhar afetuoso sendo uma ferramenta importante para o educador dispor de recursos necessários para possibilitar um melhor convívio em sala de aula e trabalhar as dificuldades trazidas pelas crianças acometidas pelo espectro.

O papel do professor é um papel de grande relevância na vida do estudante autista, através das práticas dele este se mostrará em desenvolvimento e terá uma maior possibilidade de avanço em relação ao transtorno, mas para isso é necessário que o docente receba uma formação adequada e tenha o embasamento necessário para lidar com o estudante com TEA.

Segundo Brito (2015, p.4), A escola, e em especial, o professor pode assumir um papel importante na vida das crianças autistas se informados corretamente. O currículo das escolas deve ser adaptado às necessidades das crianças e não o contrário. E para isso, é preciso proporcionar oportunidades curriculares que sejam apropriadas à criança com habilidades e interesses diferentes.

Portanto, para que o processo na vida do estudante avance de forma satisfatória é necessário que haja o diagnóstico o mais precocemente possível e o acesso à escola para que seja iniciado um acompanhamento especializado ao estudante com este transtorno. no que se refere à educação de autistas a Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996, Art. 58.) dispõe:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta de educação especial, nos termos do **caput** deste artigo, tem início na educação infantil e estende-se ao longo da vida, observados o inciso III do art. 4º e o parágrafo único do art. 60 desta Lei.

Portanto, segundo legislação brasileira os estudantes com TEA devem ser matriculados em escolas da educação básica, ter acesso à educação e os docentes das escolas devem ter uma formação que contemplem estes estudantes, além do currículo que contemplem tais especificidades.

Mas há diversos desafios para a educação desses estudantes, a metodologia empregada a eles deve diferir daquela usada com os demais, uma vez que deve contemplar as

particularidades. Segundo Tomazeli e Barbosa (2022, p. 2), as crianças diagnosticadas ou sinalizadas com autismo, apresentam características e necessidades específicas, logo surge o papel dos professores de educação especial suprindo suas necessidades. Todavia, para isso é necessário estarem familiarizados com os sinais para detectarem um possível transtorno, estando atentos e vão de encontro as necessidades das crianças, intervindo e atuando com presteza diante do transtorno.

Por isso há a necessidade de que o autismo seja detectado na criança o mais rápido possível, para que o professor a escola e os pais atuem em conjunto visando o desenvolvimento integral da criança com autismo e que as características dessa criança não o afetem em sua convivência na sociedade, segundo Tomazeli e Barbosa (2022, p. 2):

O autismo ou Transtorno do Espectro Autista (TEA) se define como um distúrbio em desenvolvimento. Apresenta-se como um espectro, visto que as características variam de um nível leve até o severo, comprometendo o desenvolvimento normal e pode ser notado antes da idade de 03 (três anos) afetando diretamente a interação social, a comunicação e o comportamento, resultando em limitações principalmente no ensino aprendizagem das crianças.

Segundo Brito (2015, p.3) Nos aspectos educacionais percebe-se que para se educar um autista é preciso também promover sua integração social e, neste ponto, a escola é, sem dúvidas, o primeiro passo para que aconteça esta integração. É a partir da creche que se deve conduzir o desenvolvimento intelectual e afetivo da criança autista, por meio de uma interação entre os ambientes que ela faz parte, fazendo-a conhecer a realidade existente na sociedade e proporcionando um saber da humanidade e das relações que a cercam.

Portanto, nota-se a grande importância que a escola tem no processo de desenvolvimento de estudantes com TEA, segundo Morais (2012, p. 57):

Uma vez que não existe cura para esta síndrome, é possível melhorar a qualidade de vida destas crianças e jovens, e isso não pode deixar de passar pelo desenvolvimento das suas competências e capacidades. Os profissionais que prestam serviço nas Unidades de Ensino Estruturado, trabalham no sentido de desenvolverem competências nestas crianças, corrigir comportamentos inadequados, oferecer-lhes rotinas securizantes e tranquilizantes, aumentar a sua autonomia, disponibilizar-lhes diferentes formas de compreender a vida e a integrarem-se melhor no mundo que os rodeia.

É muito importante que as crianças com síndrome autista possam beneficiar de uma intervenção adequada o mais precocemente possível. É no seguimento das exigências atrás descritas, que surge a necessidade de criar Unidades de Ensino Estruturado. Para que estes programas de intervenção tenham mais sucesso, é necessário o real envolvimento de todos os técnicos que trabalham com estas crianças e das suas famílias.

Acerca do desenvolvimento de autistas é importante que tanto a escola quanto a família tenham a compreensão de que nem todos os dias tudo vai dar certo. Além disso, os profissionais



da escola necessitam observar os progressos que a criança vai conquistando do ponto de vista da própria criança. É preciso analisar o processo desde seu ingresso na escola, como a criança se portava e o que passou a ser capaz de realizar (BRITO, 2015, p.5). Portanto, a educação do estudante com TEA se desenvolve ao longo do tempo, aos poucos.

A falta de uma formação adequada de professores para que eles saibam lidar com esses estudantes pode afetar e contribuir para que o estudante tenha dificuldades em seu processo de desenvolvimento ao longo de sua via escolar, é necessário esse embasamento para que o professor tenha o conhecimento necessário de todo o recurso didático que pode utilizar com os estudantes e que saiba identificar as especificidades de cada estudante e como aplicar atividades que leve em consideração essas características. Segundo Barberini (2016, p. 3)

Tendo em vista a dificuldade e a preocupação dos profissionais da educação para atender alunos diagnosticados com autismo em suas salas de aula, no ensino regular, visto que, as escolas não têm recursos para tal e que os professores não possuem formação adequada para atender a esses alunos, questiona-se a existência de práticas pedagógicas diferenciadas que estão sendo desenvolvidas por professores do ensino regular para escolarizar alunos diagnosticados com autismo em suas salas de aula.

Segundo Barberini (2016 apud Briant e Oliver, 2012, p.5)

As atividades diferenciadas para alunos com autismo “quebram” com o conceito de inclusão, mas se o aluno não acompanha a turma, não consegue realizar as mesmas atividades que os demais colegas, elas são necessárias. Utilizar estratégias pedagógicas diferenciadas é, sem dúvida, uma vertente para igualar as oportunidades, mas para que os docentes as utilizem, é necessário que reconheçam seus alunos como sujeitos capazes de aprender, para que assim, possam favorecer a construção de uma educação de qualidade para todos,

Então, existem casos em que há a necessidade de se ter uma prática pedagógica específica para o estudante com TEA, uma vez que, ele possui características próprias que devem ser levadas em conta no momento das atividades pedagógicas, esse acompanhamento específico para o autista aliado a recursos como, música, livro, celular, computador etc. pode ajudar muito no processo educativo do estudante com TEA.

No que se refere as dificuldades enfrentadas pelos professores na escolarização de estudante com TEA um dos mais citados é a falta de formação que compreenda os estudantes com deficiência, que os docentes sejam orientados com o devido conhecimento acerca da forma certa de utilizar as práticas pedagógicas com Autismo. Através de uma pesquisa Martins (2007) traz dados acerca dos principais fatores que atrapalham no ensino de estudantes com TEA, sendo os principais deles: a falta de formação/ falta de formação específica, falta de apoio da família, escassez de recursos profissionais e materiais e a falta de professor auxiliar. Porém, o



fator mais contribuinte para a dificuldade na educação de autistas é a falta de formação específica. Martins (2007, p. 125):

Como podemos observar, são muitos os fatores que dificultam a inclusão escolar de autistas no ensino regular, mas os resultados deixam evidentes que os mais significativos, para os participantes dos dois grupos deste estudo, são a falta de informação/formação continuada específica relacionada ao despreparo profissional para lidar com essa situação.

Segundo Martins (2007, p.122) cabe ressaltar que também em nossa pesquisa a informação/formação específica do professor foi o principal fator ressaltado como facilitador do processo de inclusão.

Portanto, fica evidente que para uma melhor prática pedagógica é necessário um professor com todo o conhecimento e informação, formação específica relacionado a inclusão para que possa ser um docente que contribui significativamente a vida do estudante.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A inclusão de estudantes com autismo na rede regular de ensino representou para os docentes uma incapacitação, não se sentiam preparados para lidar com eles, a formação recebida por eles não os instruiu quanto a maneira correta para tratar com esses estudantes, o que gerou uma sensação de não estarem aptos para lidarem com esses estudantes da forma correta. Por isso, faz-se necessário um preparo correto dos professores para que estes possam realizar seu trabalho com mais competência. Para Schmidt, Nunes, Pereira, Oliveira, Nuernberg e Kubaski (2016, P.231):

Nesse sentido, o sentimento de impotência, frustração e desamparo dos professores, associado ao medo de lidar com determinados comportamentos do aluno parece indicar um descrédito em suas próprias capacidades para adotar práticas educacionais eficazes.

Percebe-se que um dos fatores que influenciam para dificuldades no desenvolvimento do estudante com TEA é a falta de parceria entre os pais e a escola, os pais frequentemente se mostram desinteressados em relação ao crescimento cognitivo filho, não se empenha em manter uma colaboração com a escola em favor do autista, isso, sem dúvidas, é um fator que acarreta o atraso do desenvolvimento do estudante com autismo.

Uma outra relação de parceria que precisa acontecer é a do mediador com o professor da sala de aula na rede regular de ensino, esta parceria representa muito no desenvolvimento do

estudante porque quando há um diálogo entre esses profissionais o principal beneficiado é o estudante autista, ambos devem colaborar um com o outro, pensando juntos na melhor forma de ajudar no desenvolvimento do estudante, as atividades que podem contribuir melhor para a evolução dele, atividades que podem ser realizadas em grupo e individualmente, isso considerando o nível do espectro do estudante e suas características. Segundo Nunes, Azevedo e Schmidt (2013, p. 561 apud Giardinetto, 2009):

ênfatisa a importância de um modelo colaborativo de trabalho, operacionalizado por agentes da escola comum e especial. Em sua pesquisa, descreve os resultados promissores de quatro alunos com autismo que frequentavam, simultaneamente, a escola regular e especial. Neste trabalho, a autora ressalta a importância do professor auxiliar como mediador no processo de inclusão na educação infantil e fundamental. Constata, ainda, que em séries mais avançadas, a demanda por orientações de profissionais especialistas tende a ser maior do que na educação infantil.

Uma prática que pode influenciar mal na forma como o professor auxilia o estudante com autismo é ele quando leva para a sala de aula todas as suas concepções de tudo que o estudante pode ou não realizar, pode ou não alcançar, quando o professor não abre a sua mente e não mantém esperança no crescimento cognitivo do mesmo, o estudante é subestimado, o docente acaba criando uma barreira que impede a evolução do estudante.

Concluimos que para que o ensino desse estudante com TEA seja de qualidade e significativo é necessário que haja um comprometimento por parte dos profissionais pedagógicos, tanto da sala do AEE quanto da sala de ensino regular, promovendo atividades específicas para os estudantes, atividades essas que devem considerar as características particulares dos estudantes. Mas para que isso ocorra é necessário que os professores recebam toda a formação necessária e que eles tenham todo o embasamento teórico e prático para que possam utilizar no cotidiano na vida do estudante.

É possível notar que se faz necessária uma observação nas características dos estudantes com TEA para que se possa com isso definir o tipo de prática de ensino que será desenvolvida com ele, por exemplo, na pesquisa a maioria das professoras fazem atividades individuais e em grupo. São necessárias as atividades individuais, pois, é através delas que o professor pode entender o nível de escolarização do estudante, as características dele e perceber os pontos fortes, fracos e tenha a percepção do tipo prática pedagógica que pode facilitar o desenvolvimento cognitivo e motor desse estudante. Segundo Schmidt, Nunes, Pereira, Oliveira, Nuernberg e Kubaski (2016 apud Pinto, 2013):

Dentre essas práticas, a mais frequentemente relatada (18,9%) foi aquela em que o professor planeja a atividade de acordo com seu conhecimento prévio sobre as características, gostos ou preferências do aluno. Uma das falas que sintetizam essa



perspectiva é, “ele gosta de robôs, eu separei uma série de robôs, recortei tudinho. Nossa! Ele amou aquilo tudo!”

É necessário que o professor seja paciente e tenha a percepção de que nada acontece repentinamente, é preciso anos para que se perceba uma mudança mais perceptível no comportamento do estudante, e que o docente saiba algumas práticas que podem auxiliar o autista em sala de aula, como sempre repetir comandos, uma vez que o estudante pode ter dificuldades em entender tudo de primeira, estabelecer uma rotina diária, falar olhando nos olhos da criança autista ainda que ela não retribua esse olhar, são alguns pequenos passos realizados com frequência que podem influenciar positivamente no desenvolvimento do estudante.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Um longo caminho já foi percorrido na área da inclusão de estudantes com TEA, hoje eles têm acesso a rede regular de ensino, varias leis dispõem acerca do ensino que devem receber e isso é notável se consideramos uma época de grandes dificuldades para os estudantes com TEA, em que eles não tinham acesso a uma educação de qualidade, não havia um diagnóstico preciso do transtorno e muitas vezes eram taxados de mal educados, rebeldes e malcriados, além da dificuldades enfrentadas pelos pais. Ficamos felizes em perceber o quanto a sociedade evoluiu no âmbito da educação de autistas.

Contudo, se faz necessário ter a percepção de onde estamos, o que foi alcançado e o que ainda há para fazer pelo bem da educação dos estudantes com autismo no Brasil, os erros que permanecem sendo cometidos, erros esses que atrasam e dificultam o desenvolvimento dos estudantes com TEA e sabemos que para que ocorra uma mudança significativa nesse contexto essas falhas precisam ser faladas e tratadas.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996

BRASIL. **Resolução nº. 4, de 2 de outubro de 2009**. Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional especializado na Educação Básica, modalidade Educação especial, Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. **Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008.** Dispõe sobre o atendimento educacional especializado. Presidência da República/Casa Civil/Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília. 2008.

BRITO, Elaine Rodrigues de. A inclusão do autista a partir da educação infantil: um estudo de caso em uma pré-escola e em uma escola pública no município de Sinop - Mato Grosso. **Eventos Pedagógicos.** Mato Grosso, v. 6, n. 2, p. 82-91, jun./ jul. 2015.

BARBERINI, Karize Younes. **A escolarização do autista no ensino regular e as práticas pedagógicas.** **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento,** v. 16, n. 1, 2016.

GRANDIN, Temple. **O cérebro autista.** 1º ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

MARTINS, Mara Rubia Rodrigues. **Inclusão de alunos autistas no ensino regular: concepções e práticas pedagógicas de professores regentes.** 2007. p.163. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2007.

MORAIS, Telma Liliana de Campos. **Modelo teacch - intervenção pedagógica em crianças com perturbações do espectro do autismo.** Tese (Mestrado em Educação especial) – Escola Superior de Educação Almeida Garret. Lisboa, p. 182. 2012.

NUNES, Debora Regina de Paula; AZEVEDO, Mariana Queiroz Orrico; SCHMIDT, Carlo. **Inclusão educacional de pessoas com autismo no Brasil: uma revisão da literatura.** Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 26, n. 47, p. 557-572, set./dez. 2013.

SCHMIDT, Carlo; NUNES, Débora Regina de Paula; PEREIRA, Débora Mara ;OLIVEIRA, Vivian Fátima de; NUERNBERG, Adriano Henrique; KUBASKI, Cristiane. **Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas.** Revista Psicologia: Teoria e Prática, v. 17, n. 3, p. 222-235, jan./abr. 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico,** São Paulo: Cortez, 2013.